

**MÍDIA COMO
CATALIZADORA DE
DISCURSOS PÓS-
MODERNOS PARA OS
JOVENS**

**MEDIA AS CATALYST OF POST-
MODERN SPEECHES FOR YOUNG
PEOPLE**

**LA MEDIA CÓMO CATALIZADORA
DE DISCURSOS POSTMODERNOS
PARA LOS JÓVENES**

**José Carlos Miranda¹
Sonielson Luciano de Sousa^{2, 3}**

RESUMO

De acordo com pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, este artigo aborda como a dinâmica contemporânea gera uma gama de jovens descontentes e frustrados, pois no panorama contemporâneo para que haja os vencedores, necessariamente deve-se fazer surgir a classe dos excluídos e inaptos. Assim, ter e aparentar originalidade custa caro, sendo, portanto, um privilégio que requer

¹ Doutor em Ciência, Tecnologia e Inovação, Mestre em Geografia, Especialista em Sociedade, Espaço e Meio Ambiente e Bacharel em Comunicação Social. Tem experiência internacional como consultor e avaliador externo de ações na área de planejamento urbano e regional, com ênfase em Planejamento e Gestão Ambiental, programas e projetos governamentais, e na área de educação como professor de cursos técnicos, graduação e pós-graduação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação rural, jornalismo ambiental, turismo, tecnologias da informação e comunicação e extensão rural. E-mail: jcarlosdemiranda@gmail.com.

² Mestre em Comunicação e Sociedade, Bacharel em Comunicação Social e Licenciado em Filosofia. Atualmente é professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas – (CEULP/ULBRA). E-mail: sonielson.sousa@ceulp.edu.br.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): GOVERNO DO ESTADO DO TOCANTINS, Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins - RURALTINS., Praça dos Girassóis, Plano Diretor, CEP: 77000000 - Palmas, TO – Brasil.

esforço ad *eternun* para que o jovem, mais à frente, não se depare com o fantasma da invisibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; juventudes; pós-modernidade.

ABSTRACT

According to a bibliographical research of a qualitative nature, this article discusses how contemporary dynamics generate a range of discontented and frustrated youths, because in the contemporary scenario to have the winners, the class of the excluded and the unfit must necessarily arise. Thus, having and pretending originality is costly, and therefore a privilege that requires an ad *eternun* effort so that the young person, later, does not come across the ghost of invisibility.

KEYWORDS: Media; youths; postmodernity.

RESUMEN

De acuerdo con la investigación bibliográfica de carácter cualitativo, este artículo trata cómo la dinámica contemporánea genera una gama de jóvenes descontentos y frustrados, pues en el panorama contemporáneo para que ocurran los vencedores, necesariamente se debe hacer surgir la clase de los excluidos e inaptos. Así, tener y aparentar originalidad cuesta caro, siendo por lo tanto, un privilegio que requiere esfuerzo ad *eternun* para que el joven, más adelante, no se depare con el fantasma de la invisibilidad.

PALABRAS CLAVE: Media; juventudes; postmodernidad.

Recebido em: 19.03.2019. Aceito em: 12.06.2019. Publicado em: 01.08.2019.

Introdução

A Pós-Modernidade cria uma dinâmica de individualização que afeta a todos (BAUMAN, 2007), mas que impacta de forma ainda mais incisiva as populações jovens (BIRMAN, 2013). Teóricos da Psicanálise (BIRMAN, 2016), Filosofia (FOULCAULT, 1987) e Sociologia (BAUMAN, 2007) se debruçam sobre as novas formas de subjetivação num mundo contemporâneo marcado por rapidez e inconstância nas interações sociais, afetivas e profissionais, no que Bauman (2007) denomina de Modernidade Líquida e Lipovetsky (2004) caracteriza como era do vazio e hipermodernidade.

Em linhas gerais, trata-se de um período marcado pelo enfraquecimento do estado enquanto instância mediadora hegemônica – que, em sua faceta mais extrema, resultou na formação de estados totalitários, como bem lembra Arendt (2012) –, aliado a uma espécie de interregno quanto às expectativas referentes aos novos modelos de educação e sociabilização nos núcleos parentais (FREIRE COSTA, 2004). Afinal, se por um lado as antigas estruturas mediadoras aterrorizavam em sua onipotência – numa tentativa de substituição dos arcabouços eclesiais até então vigentes (FOUCAULT, 1987) –, por outro lado, criava as condições mínimas de apaziguamento (FREIRE COSTA, 2004, p. 15), o que permitia um terreno seguro para a juventude. Com a aparente difusão do poder à massa anônima, já que as estruturas mediadoras da Modernidade (como igreja e o estado) se enfraqueceram, no entanto, a ansiedade e insatisfação tornam-se referências corriqueiras para as populações jovens (BIRMAN, 2013; FREIRE COSTA, 2004).

Sustentando esta dinâmica, pontua Bauman (2007), está a lógica internacional dos mercados de capitais – lógica esta amplamente publicizadas pela mídia – que, em sua gênese, é o mais líquido dos processos (PONDÉ, 2011).

A ação ocorre através de técnicas descentralizadoras e da globalização. Ora, ao que parece, esta configuração contemporânea de mundo, além de exercer forte impacto nas dimensões de Estado, Soberania e Bem-Estar Social (BAUMAN, 2007), uma vez que há um contínuo e rápido esvaziamento do poder político e da chamada tradição, provocou também mudanças profundas nas relações pessoais, profissionais e na produção de subjetividade (formações identitárias), já que houve um deslocamento da centralidade na moralidade tradicional – que sai da perspectiva da geração de segurança para a valorização de hábitos que remetem à liberdade –, provocando um enorme mal-estar geral, sobretudo nos adolescentes, e nos jovens adultos (BIRMAN, 2013).

É prematuro afirmar, no entanto, que necessariamente tal mudança tenha acarretado em rebaixamento da consciência crítica, como pontuado por Luckmann (2004 apud FREIRE COSTA, 2004). No entanto, tal dinâmica contemporânea acabou por provocar uma celeuma (BAUMAN, 2007) ou vertigem existencial (BIRMAN, 2013) entre os jovens.

Neste contexto, diz Bauman (2007), estes jovens são instados a enfrentar – de forma dramática e em curtos espaços de tempo – as intempéries resultantes do intervalo entre a sólida modernidade e o que poderá vir a se tornar num novo modelo de mediação das vontades humanas. Ou seja, diante do cenário de grande liberdade, os jovens não mais sofrem pela falta de possibilidades, mas pelo excesso destas, num processo vertiginoso e angustiante, cujos desenlaces ainda são imprevisíveis (PONDÉ, 2014; SILVEIRA JUNIOR, 2015). Paradoxalmente, estes jovens acabam por experimentar problemas na incessante corrida para manter-se na dinâmica de consumo – corrida esta que supostamente legitima-os como portadores de credenciais para participar das estratégias aceitáveis de vida. Não bastasse, como defende Sennett (2012), a crise que a princípio pareceu acometer apenas os mais jovens vem se arrastando quase que *ad eternum*

também entre os adultos jovens. Na visão de seu colega sociólogo polonês, isto ocorre porque

Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades em incapacidades. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente (BAUMAN, 2007, p. 7).

Birman (2013) defende que, na contemporaneidade, outro ingrediente se soma à incerteza que permeia a vida juvenil. Trata-se da fraternidade como dimensão basilar da modernidade, que gradativamente perde força, na esteira do enfraquecimento do núcleo parental imediato e do fortalecimento dos discursos de autoridade oriundos, majoritariamente, das celebridades midiáticas (FREIRE COSTA, 2004). Os veículos de comunicação de massa passam, então, a monopolizar a tônica discursiva (FREIRE COSTA, 2004; CHAUI, 2006), afinal são legitimadores de narrativas hegemônicas. Desta forma, predomina um cenário onde impera uma espécie de “terra de ninguém que se coloca a todo o momento” (BIRMAN, 2013) como um desafio a ser constantemente superado.

Por esta ótica, os dispositivos de controle – inserindo aí as relações de poder explicitadas pela imprensa (ORTEGA, 2006) – colocam o jovem numa situação de ambivalência – e aqui, por juventude, usaremos o conceito apresentado por Trancoso e Oliveira (2016), para quem este grupo se constitui pelas vivências nos meios sociais, com atenção para as relações estabelecidas, e não necessariamente pela passagem por etapas e eventos. Neste caso em particular, se discute o jovem de cidades brasileiras de porte médio e grande.

Opções aparentes

O problema, como defendem Bauman (2007), Chauí (2006) e Sodré (2001)   que o excesso de op es   apenas aparente, diante de um panorama atual que não permite deslizes.

Velocidade, e não dura o,   o que importa. Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida terrena. Ou pelo menos   isso que o "lumpem-proletariado espiritual" tenta, e espera, alcançar. O truque   comprimir a eternidade de modo a poder ajustá-la, inteira,   existência individual. A incerteza de uma vida mortal em um universo imortal foi finalmente resolvida: agora   possível parar de se preocupar com as coisas eternas sem perder as maravilhas da eternidade (BAUMAN, 2007, p. 15).

Com a desenfreada din mica da ascensão a qualquer custo, como pontua Sennett (2012), outra variante passa a perseguir os jovens de maneira particular, sob a forma de uma inquieta o (BIRMAN, 2013). Trata-se de uma cisão que vai se

[...] tornar patente sobre a forma das perturba es psíquicas dos indivíduos, seja sobre a forma da violência ou da criminalidade. Aquilo que no discurso sociológico se chama de patologias do social. (BIRMAN, 2013 – Versão On line).

Birman (2013) reforça esta ênfase a partir das teorias de Lacan (1938), que articula o mal-estar com o que passou a chamar de humilha o da figura do pai, antigo discurso regulador que gradativamente perde força no cenário pós-moderno. Assim, aliado ao contínuo movimento com que os jovens são submetidos (BAUMAN, 2007), e   ideia de trabalhar por um progresso ininterrupto e um excessivo autogerenciamento da vida (PONDÉ, 2014), a mudança nas configura es familiares seria um dos componentes a explicar a violência individual e coletiva, que notadamente assola parte da juventude brasileira, e que acabou por ganhar contornos de desalento nesta mesma popula o (BIRMAN, 2013).

As dinâmicas contemporâneas, portanto, também representam um eco destas mudanças estruturais ocorridas no século XX. Além disso, Bauman (2007) e Birman (2013) prosseguem assinalando que, mais à frente, a decomposição do estado de bem-estar social deságua numa sociedade de risco,

[...] onde nenhum de nós conta mais com nenhum tipo de proteção do Estado, onde nós estamos lançados ao 'Deus dará', e onde efetivamente todo problema das subjetividades vai ser associado a esta problemática. Um autor como Michel Foucault (1926-1984) vai dizer que a nossa modernidade já é constituída em torno de uma sociedade de risco. O que ocorre nas últimas décadas é simplesmente uma radicalização da dimensão de risco que caracteriza a sociedade contemporânea. (BIRMAN, 2013 – Versão On Line).

Em Bauman (2007), esta perspectiva de radicalização se alia à mudança na forma como o tempo é encarado. Ou seja, antes do advento da pós-modernidade, os jovens da classe média brasileira resistiam à excessiva aceleração, em alguma medida, porque mantinham certa estreiteza com produções utópicas diversas, de modo que tais jovens “tentavam fechar o torturante fosso entre a pobreza de uma vida curta e mortal e a riqueza infinita do universo eterno com esperanças de reencarnação ou ressurreição” (BAUMAN, 2007, p. 15). Atualmente, na agudez com que o desencantamento se apresenta, o próprio princípio de aceleração que permeia a vida não admite contingenciamentos e/ou limites, impingindo aos jovens a responsabilidade por atuar de forma obsessiva na reciclagem, revisão e reconstituição de suas identidades.

Trata-se de um movimento contínuo para, na esfera pública, demonstrar que detém uma identidade compatível com as expectativas vigentes. Assim,

[...] o advento da sociedade líquido-moderna significou a morte das principais utopias da sociedade e, de modo mais geral, da

ideia de “boa sociedade”. [...] O foco na auto-reforma se perpetua do mesmo modo que a falta de interesse e a desatenção com relação aos aspectos comuns da vida, que resistem à total tradução para os atuais alvos de tal auto-reforma. A desatenção à vida em comum impede a possibilidade de renegociar as condições que tornam líquida a vida individual. O sucesso da busca da felicidade, propósito declarado e motivo supremo da vida individual, continua a ser desafiado pela própria forma de persegui-lo. A infelicidade resultante justifica e vigora a política de vida autocentrada. Seu produto final é a perpetuação da liquidez da existência. (BAUMAN, 2007, p. 19 - 20).

Esta agudez da dimensão do risco e da possibilidade de autogestão da vida também encontra alguma singularidade na gênese histórica apontada por Foucault (1987), cujo modelo de relações de poder é fundado em duas mãos, sendo que por um lado há uma sociedade gerida biopoliticamente (com uma gestão populacional que passa pela economia política), cuja preocupação central é a “manutenção” da espécie e, por outro lado, “a nossa sociedade é uma sociedade disciplinar, onde existe uma anatomo-política do corpo, que é adestrado num conjunto de práticas para manter/regular esta sociedade de risco”. (BIRMAN, 2013 – Versão On Line)

Birman (2013) ainda enfatiza que nos tempos atuais o sujeito de conflito (impulsos-desejos X interditos) sai de cena e, em seu lugar, diferentemente da época de Freud, outras formas de pensamento ocupam o centro das atenções. Assim, o ‘corpo’, a ‘ação’ e o ‘sentimento’ compõem uma cartografia que fala de uma série de mal-estares, tendo o jovem e os adultos jovens no centro deste desconforto.

Bauman (2013) enfatiza que há uma forte tensão e exigência – às vezes, até mesmo sob a forma de assédio –, por parte dos atores sociais contemporâneos, para que todos os jovens, de alguma maneira, se transformem em seres autoconstruídos e singulares. O problema é que, para o sociólogo

polonês, quanto mais tentam ser diferentes, tanto mais esses indivíduos se assemelham no movimento com que mobilizam suas estratégias, numa espécie de igualdade na tentativa de ser diferente. Sobre o mesmo assunto, Hall (2006, pág 9) diz que as

[...] transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo descolamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. (destaque do autor).

A tendência, assim, é que os indivíduos sejam “estritamente semelhantes a todos os outros pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns – comumente reconhecíveis e legíveis” (BAUMAN, 2007, p. 26). Barth (VILLAR apud BARTH, 2004), em linha semelhante, diz que “a distribuição dos grupos étnicos não é controlada por ‘áreas naturais’ fixas e objetivas, mas pela distribuição em nichos específicos, que cada grupo explora mediante sua organização política e econômica”. Para que se convençam de que suas estratégias de vida são aceitáveis, o jovem acaba não percebendo que de alguma forma recusa a possibilidade de exercer a escolha individual, a menos que não queira ter seu esforço cancelado pelas estruturas sociais das quais faz parte, o que parece pouco provável. Tem-se como exemplo a busca que o jovem trava em torno de um ideal de corpo para, em alguma medida, ser aceito pelo grupo.

Nesta busca para desvelar e tornar pública a autenticidade do “verdadeiro eu” (BAUMAN, 2007, p. 28), aumenta a demanda por profissionais que, dentro da mesma lógica das vendas do atacado, oferecem serviços que aparentemente remetem à maiêutica socrática – no sentido de dar a luz ao conhecimento - , mas que no final das contas “só tem valor reconhecido depois de convertidos à

moeda atualmente mais comum e, portanto, mais amplamente usada” (Idem, Idem, p. 29). Ou seja, o processo mesmo de individualidade evidência em si uma contradição que, a princípio, parece insolúvel. Aliás, ela carrega em si uma impossibilidade conceitual, já que o jovem “precisa da sociedade simultaneamente como berço e como destino” (Idem, Idem, p. 29) de suas investidas. Estaria aí, então, uma hipótese para o aumento da violência e da desesperança entre os jovens (BIRMAN, 2013).

É importante ressaltar que, enquanto por um lado a sociedade pressiona para que o indivíduo se porte como alguém capaz de expressar originalidade e autogestão, num provável desdobramento das relações de poder já apontadas por Foucault (1987) em sua genealogia do poder, por outro lado ela também fornece os meios para se conviver com esta impossibilidade, o que resulta num cenário de constante insatisfação e perene sentimento de fracasso.

Igualmente, assim como em Birman (2013), Bauman (2007) diz que o surgimento da individualidade como categoria central das preocupações cotidianas apontou para um intenso desmonte das antigas redes de proteção social que, se bem ou mal feito, ainda garantiam alguma forma de regulação e/ou mediação dos conflitos entre os seus integrantes. Neste íterim,

Progressivamente, os padrões da rotina diária foram deixando de ser vistos como incontestáveis e auto-evidentes. O mundo da vida cotidiana estava perdendo sua auto-evidência e a “transparência” de que havia usufruído no passado, quando os itinerários existenciais eram livres de encruzilhadas e de obstáculos a serem evitados, negociados ou forçados a abrir caminho (BAUMAN, 2007, p. 31).

No bojo deste esforço que o jovem deve fazer para provar sua aparente (e constante) autoipoiese, muitas vezes ele não percebe que “a individualidade é o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal” (Idem, Idem, p. 31 – grifo do autor). Ora, isso quer dizer que, mesmo

experimentando certo grau de liberdade e de individualidade, isso por si só não assegura tacitamente a livre escolha, apesar de este discurso não ser destacado pela mídia (CHAUÍ, 1987) já que o jovem de classe média é invariavelmente pressionado pela difusa dimensão do fato social. Por esta ótica, o que se chama de autorreferência e individualidade pode ser decorrente, dentre outras coisas, de negociações mais profundas e, por vezes, sutis, já que,

[...] as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro delas. E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda esta rede humana móvel (ELIAS, 1994, p. 48).

De qualquer forma, no tecido social e em parte dos discursos midiáticos hegemônicos (CHAUÍ, 2006), predomina a ideia de que as pessoas de forma geral e os jovens em particular são os responsáveis pelos caminhos que estão percorrendo. Esta é a tônica, inclusive, de parte da fundamentação ideológica do capitalismo liberal, que de modo geral nega que o indivíduo autogestor não passa de uma ficção, fruto de pressões mercadológicas (BAUMAN, 2007). No entanto,

Embora o direito e o dever da livre escolha sejam premissas tácitas ou reconhecidas da individualidade, não são suficientes para assegurar que o direito a esta possa ser usado. Portanto, a prática da individualidade não necessariamente corresponde ao padrão imposto pelo dever da livre escolha. Na maior parte do tempo, ou em algumas ou em várias situações, muitos homens e mulheres consideram a prática da livre escolha fora de alcance (Idem, Ibidem, p. 33, grifos do autor).

Diante destas circunstâncias, a individualidade-originalidade de fato parece ser algo bem mais complexo do que se prega. Os processos de formações identitárias entre jovens trazem consigo uma série de efeitos colaterais, sendo que a relação deste jovem com o seu corpo (BIRMAN, 2013) emerge como uma das principais fontes de tensão na contemporaneidade. Ora, isso ocorre porque

Novos símbolos de distinção em oferta prometem conduzi-lo ao seu objetivo e convencer todos os que você encontra na rua ou visitam sua casa de que você de fato chegou lá – mas também invalidam instantaneamente os símbolos que prometiam fazer o mesmo por você um mês ou um dia antes. Na corrida pela individualidade, não há intervalo (BAUMAN, 2007, p. 35).

Neste ínterim, Birman (2013) diz que o mal-estar se acentua porque, de modo geral, se está sempre aquém tanto da condição considerada ideal para a sanidade física, quanto distante do desempenho corporal adequado. No fundo, o esforço que tais jovens fazem para se adequar a padrões identitários aceitáveis pode revelar, também, uma inabilidade em lidar com a perda, a frustração e a finitude. Sobre este tema, tem-se que

O narcisismo moderno é um narcisismo defensivo, voltado para o investimento do corpo, que se tornou foco de sofrimento e ameaça de morte pela ação da violência. Esta hipótese choca-se aparentemente com as teses sobre o hedonismo da sociedade contemporânea. Porém, a nosso ver, esta faceta vendável da ideologia do bem-estar é divulgada para dissimular o medo do sofrimento e da morte, que apavoram o indivíduo moderno (FREIRE COSTA, 2003, p. 235).

Além disso, a pós-modernidade se configura como uma recusa a narrativas longas, que remetam a processos históricos (PONDÉ, 2014). Vê-se, então, uma evidente mudança do lócus do dever moral (troca-se a segurança pela liberdade). Bauman (2013) também concorda que a dinâmica de individualização, da forma como vem sendo conduzida, gera uma gama de jovens descontentes e

frustrados. Isto ocorre porque, para que haja os vencedores, necessariamente deve-se fazer surgir a classe dos excluídos e inaptos.

Considerações finais

O cuidado com as questões sociais e com o desenvolvimento das instâncias da razão cede lugar à fragmentação pós-moderna, notadamente naquilo que se refere às perdas dos potenciais de unificação e simbolização que orbitavam em torno da política. Sobra, então, um panorama de total ausência de mediadores e que, metaforicamente, joga a todos numa intensa vertigem existencial. No mais, isso fez com que as pessoas ficassem entregues ao jogo de suas próprias intensidades (intensidades sem controle).

Ter e aparentar originalidade custa caro, sendo, portanto, um privilégio que requer esforço ad eternum para que o indivíduo, mais à frente, não se depare com o fantasma da invisibilidade. Este é o alerta que os autores supracitados fazem ao investigar a interação do jovem com o contemporâneo. Além do mais, a possibilidade de que todas as pessoas usufruam de um processo de individualização e de formação identitária adequado (aos padrões liberais de consumo) é inalcançável, a menos que se tenha mais três planetas reservas (BAUMAN, 2007), tendo em vista o forte impacto ambiental envolvido.

Neste íterim, qual o peso da mídia catalizadora de discursos pós-modernos que impactam sobre a base subjetiva dos jovens? É possível aferir que os produtos midiáticos interagem na forma como os sujeitos traçam suas estratégias de vida? Para Ehrenberg (2010) e Chauí (2006), a mídia produz narrativas – notadamente as que estão de acordo com um ideal de bioascese (excesso de autogerenciamento com o próprio corpo, por exemplo, que gera autorreferencialidade subjetiva) – que podem se configurar como um convite implícito a uma dinâmica performativa por parte do sujeito. As redes sociais

eletrônicas, neste contexto, se apresentam como um cenário perfeito de troca do espaço privado pela dimensão da exposição pública, já que o protagonismo não pode ocorrer às escuras, é necessário publicizá-lo. Ainda não se pode aferir com exatidão, no entanto, qual o real impacto da mídia sobre este ideal de corpo, embora se saiba que esta produz simulacros (CHAUÍ, 2006) que acabam servindo de fontes balizadoras de padrões comportamentais, em que pese a pouca quantidade de estudos sobre o tema no país.

A questão, portanto, não se resume às subjetividades e relações sociais e políticas, mas, em igual medida, entremeia um modo de vida que interfere diretamente nas dinâmicas culturais, assim, um problema que aparentemente é de ordem individual, que acomete sobretudo os jovens e jovens adultos contemporâneos, ganha apelo de caráter ético, pois não estar-se a falar apenas das gerações atuais. É preciso pensar, pois, nas gerações futuras.

Este trabalho conclui que os estudos sobre o tema ainda estão no campo da investigação indutiva – não menos importante –, carecendo de pesquisas de campo e entrevista direta com o público em questão, com tratamento qualitativo, para ampliar o entendimento acerca do impulso que a mídia exerce na construção de discursos pós-modernos que podem alterar as subjetividades destes sujeitos. Por hora, mesmo não se tendo uma real escala de impacto, não se pode negar que os modos de comunicação e os modelos identitários adotados pelos produtos midiáticos redesenharam a forma como os jovens se projetam para o mundo, fazendo-os buscarem no cuidado com o corpo um modo de se posicionar e, assim, atuar no mundo contemporâneo.

Referências

ARENDDT, Hannah. **As origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

BAUMAN, Zygmund, 1925 - **Vida Líquida** / Zygmund Bauman: tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BIRMAN, Joel. **Novas formas de subjetivações**. In: **Cpfl Cultura** – Invenção do Contemporâneo. Campinas-SP: CPFL, 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ov9CKqKiAeE> >. Acesso em: 22 mai. 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE COSTA, Jurandir. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**; tradução Mário Vilela. - São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LLOSA, Mario Vargas. **A Civilização do Espetáculo**; tradução Ivone Benedetti. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Orgs). **Culturas jovens** - novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A era do ressentimento**. São Paulo: Leya Brasil, 2014.

_____. Invenção do Contemporâneo: Diagnóstico de Zygmunt Bauman para a Pós-Modernidade – In **Café Filosófico**. Campinas: CPFL Cultura, 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=qx-tRVyMphk> >. Acesso em 26 jun. 2016.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 5, Agosto. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n5p129>

SILVEIRA JUNIOR, P. Teoria, conhecimento e pragmática da comunicação: o paradigma pulsional. **Revista Observatório**, v. 1, n. 2, p. 136-155, 8 dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2015v1n2p136>.

SODRE, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; Oliveira, Adélia Augusta Souto. **Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais**: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200002> . Acesso em 14/08/2017.

Villar, Diego. **Uma abordagem crítica do conceito de "etnicidade" na obra de Fredrik Barth**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000100006 > . Acesso em 14/08/2017.